

ILHAVIRTUALPONTOCOM

Informativo sobre Literatura Maranhense

NÚMERO 30

São Luís, novembro de 2018

EDITORIAL

Mais uma vez estamos aqui para divulgar as letras maranhenses. Neste número, o homenageado é o médico e poeta Mario Luna Filho, dono de uma verve poética que transborda o papel e afeta diretamente a vida e o modo de ver o mundo de seus leitores.

Embora faça muito sucesso entre seus pares, a poesia de Mario Luna Filho não é das mais divulgadas em nosso cenário literário. Mas sua obra merece ser lida e relida diversas vezes, dada sua magistral forma de escrever em que a simplicidade ocupa um lugar de destaque, sem, contudo, cair no simplismo ou nas facilidades de meras rimas ou jogos de palavras sem conteúdo.

Para compor este número, recorreremos a uma síntese biográfica publicada pelo também excelente poeta e pesquisador Quincas Vilaneto e a um texto crítico do professor Carlos Cunha.

Boa Leitura!

EXPEDIENTE

ILHAVIRTUALPONTOCOM é uma publicação virtual, sem vínculo institucional e sem fins lucrativos, que busca divulgar a cultura maranhense

Editor: José Neres Revisor: Gabriel Barros Neres

Digitação neste número: José Neres e Gabriel Barros Neres

Textos de José Neres, Carlos Cunha e Quincas Vilaneto



SOBRE MAR, RIO, LUA, FILHO...

José Neres

(Professor, escritor e membro da AML e da SOBRAMES)

Nas cenas finais do filme El Hijo de la Novia (O Filho da Noiva), Rafael, o protagonista da história, vivido pelo ator argentino Ricardo Darín, ao ver os pais já bastante idosos trocarem olhares apaixonados, comenta que ver aquela cena é como ver Fred Astaire dançando, parece fácil, mas na verdade é algo que vai além dos limites de quase todos os seres humanos comuns.

Da mesma forma, no mundo das letras, há escritores que, quando são lidos, passam para seus leitores a falsa sensação de que escrever é algo muito fácil, tal a simplicidade com quem trabalham palavras comuns e tiram delas imagens que vão além da imaginação. É o caso, por exemplo, no Brasil, de Mário Quintana, Cora Coralina, Manuel Bandeira e José Chagas, para citar apenas alguns desses vates iluminados que têm o poder de transformar coloquialidades em verdadeiras obras de arte que agradam tanto aos olhos quanto aos ouvidos de quem admira a Poesia.

Outro nome que pode (e deve) ser colocado nessa lista de escritores que transformam simplicidades em arte é o do médico e poeta Mario Luna Filho, um homem habilidoso com as palavras escritas, que sabe se desvencilhar das armadilhas verborrágicas dos versos e consegue levar aos olhos e ouvidos dos leitores e ouvintes um alto grau de sensibilidade em versos simples, mas profundos quando são vistos em sua totalidade.

MARIO LUNA FILHO



Nasceu em São Luís, a 27.07.1950, cedo ainda, partiu para Caxias onde cultivou seu sonho de infância. Aos 16 anos, regressou a São Luís para concluir os estudos no Liceu, onde participou ativamente de movimentos literários. Descobriu-se poeta e contista. Venceu vários concursos. Médico, cirurgião-pediatra, membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional do Maranhão – SOBRAMES/MA.

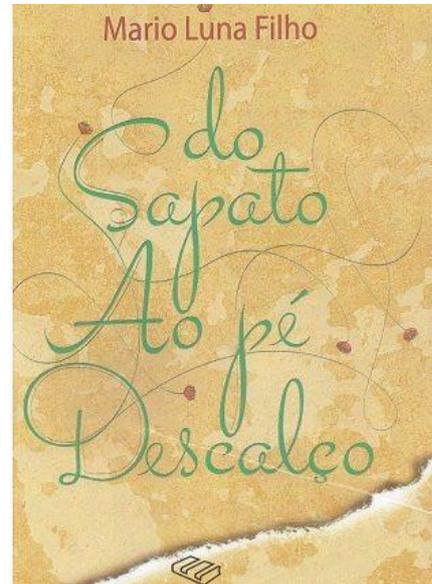
Principais obras – Do sapato ao pé descalço (poesia); um pingo para o seu devido i (Ensaio Literário); Chão Azul (Conto); Do Granito ao Infinito (Poesia).

Texto de Quincas Vilaneto.

Referência VILANETO, Quincas

Itinerário Poético de Caxias. São Luís: Minerva, 2003. P. 67.

Um bom exemplo disso é o poema reproduzido a seguir, no qual, em poucas palavras, o poeta consegue unir passado e presente, lembrar membros da família, momentos marcantes, contabilizar perdas e ganhos, alegrias e lamentos, tudo isso de modo sintético e lírico, com ênfase na repetição constante da estrutura verbal “aprendi a contar”, que no primeiro momento aparece de forma intransitiva, mas logo depois passa a exigir complementos verbais que aparecem no texto de forma explícita, mas que podem não estar mais presente no convívio do eu lírico. O uso dos verbos no pretérito perfeito seguido de substantivos que marcam a passagem do tempo (horas, dias, anos) e da recordação dos membros da família (mãe, irmãs, pai), sempre antecidos de um pronome possessivo, desaguam no isolamento de dois advérbios (hoje / apenas), sendo este último empregado na acepção de somente, exclusivamente, tão somente... o que remete à sensação de que a contagem dos “meus mortos” toma conta de todo o tempo presente do eu lírico.



CONTAS

Brincando
aprendi a contar.

Aprendi a contar as horas
nos olhos de minha mãe.

Aprendi a contar os dias
nos dedos de minhas irmãs.
Aprendi a contar os anos
pelos caminhos de meu pai.

Hoje,
apenas
conto os meus mortos.

Sem nenhum interesse em forçar traços de inovações estéticas, estilísticas ou vocabulares, mas também sem preocupação em tentar reviver o clássico, Mario Luna Filho equilibra seus versos entre os temas universais que abrangem todo o ser humano ao longo dos tempos e o jogo metafórico que tanto pode remeter aos poetas clássicos, quanto às gerações que se destacaram pela constante luta com as palavras.

A infância, o passado, as cidades por onde passou e a busca de um eu existencialmente perdido dentro de um mim são alguns dos temas constantes em sua poesia, com imagens e metáforas que, conforme assinalou o crítico Carlos Cunha em seu livro ***As Lâmpadas do Sol***, “nada contêm de barroco, numa época em que ainda se pensa que poesia é algo sentimental, ornamentada com figuras de retórica sepultadas há tanto tempo”. Não podemos deixar de concordar com o crítico quando este diz que o texto de Mario Luna Filho é “limpo, simples, despretensioso, sem rebuscamentos”. Contudo, esses adjetivos não trazem em seu bojo a ideia de facilidade ou de baixa qualidade, muito pelo contrário. É justamente nesta consciência do fazer poético eivado de simplicidade que se encontra a mais importante característica desse poeta. Conforme pode ser visto no poema abaixo.

Obliquamente,
cai a tarde.
O sol
brinca
de esconde-esconde,
acordando em mim
uma lúdica
ciranda,
enfeitando de arco-íris
os meus olhos.

... e a criança
que estava aqui?



O que encanta nos versos de Mario Luna Filho é essa leveza poética com a inesgotável sensação de ausência. Seus versos trazem para o leitor a imensidão e a força do mar; a bravura de um rio que se desvia dos obstáculos para traçar seu caminho; a limpidez dos raios lunares que acabam por esconder nas sombras projetadas as verdades que nem sempre queremos ver e ouvir; e a gratidão de um filho que não nega suas origens e eterniza em versos os berços nos quais foi criado e onde se tornou homem e poeta.

COM A PALAVRA O PROFESSOR CARLOS CUNHA

O texto a seguir é de autoria do professor e crítico literário maranhense Carlos Cunha e está publicado no livro *As Lâmpadas do Sol: estudo crítico da poesia maranhense contemporânea* (Edições FonFon, 1980, pág. 136-137). A reprodução trata-se de uma dupla homenagem. Homenagem ao poeta Mario Luna Filho, que desde cedo foi reconhecido como grande poeta, e homenagem a Carlos Cunha, um dos maiores críticos que tivemos, mas que hoje encontra-se, assim como outros tantos bons intelectuais de nossa terra, esquecido.

MARIO LUNA FILHO

Carlos Cunha

Para quem leu Mario Luna Filho, a impressão que fica na retina do leitor é a de um poeta bastante impregnado dos dilemas, sofrimentos e angústias do homem. Uma faceta essencial que caracteriza irrefutavelmente uma vocação. Os conflitos e inquietações de sua consciência compõem um quadro belo da natureza humana. A subjetividade do poeta tem ingredientes suficientes para credenciá-lo como um vate na acepção mais exigente.

Em DO SAPATO AO PÉ DESCALÇO existe um extravasamento ininterrupto

de lirismo, nostalgia, depressão diante das belezas e horrores da existência. Quando se imagina de um poema para outro que Mário Luna Filho ficou definitivamente na tecla da poesia individualista, pessoal, de repente ele surpreende o leitor com versos de denúncia implacável.

Sua captação das misérias da sociedade em que vive, aquelas originadas de organização social que torna o homem

inimigo do outro, dada a repartição das riquezas materiais injustiçar a muitos e privilegiar os segmentos minoritários, é realizada com sensibilidade,

MARIO
Mario,
Mario,
Mario...
O outro
Mario.
Dele me restaram
O suor,
As lágrimas
E o caminho...

imaginação e uma leve corrente de pieguice. Ao defrontar-se com as contradições da sociedade, logo o poeta levanta uma composição carregada de satisfação. O realismo de DO SAPATO AO PÉ DESCALÇO se mantém num nível espontâneo, sem as reflexões dessas em torno dos mecanismos poderosos que se escondem nas aparências do fenômeno.

O poema PEDRINHO exemplifica com propriedade as colocações formuladas sobre a reação emocional, ligeiramente ingênua, de sua ótica dos problemas materiais do homem: “Pedrinho/ talvez seja/ o último invento/ dos proletários./ Pedrinho/ nunca viu/ Papai Noel/ Pedrinho/ veio sem sobrenome/ Pedrinho/ veio da

rua/ Pedrinho ainda é menino,/ mas já sabe muito das distâncias./ Pedrinho ainda é menino/ mas veio com o bolso/repleto de histórias...”

As imagens e metáforas de sua obra nada contêm de barroco, numa época que ainda se pensa que poesia é algo sentimental, ornamentada com figuras de retórica sepultadas há tanto tempo. Texto limpo, simples, despretensioso, sem rebuscamentos.

Um jovem poeta que abre progressivamente excelente perspectiva no campo da arte. E DO SAPATO AO PÉ DESCALÇO começam a delinear-se todas as tendências que mais tarde tomarão contornos nítidos, translúcidos, para coroar uma vocação plena de potencialidades.

